

**Idade de Latência – Estado de Latência:¹
Um tempo imprescindível**

**Latency Time - Latency State
An Essential Time**

Maria Alice Targa e colaboradores²

Resumo: O presente trabalho nasce, despretensiosamente, das discussões, preocupações e inquietudes diante do processo que envolve o tempo da latência. Esta transição entre a infância e adolescência guarda características peculiares de defesas diante da sexualidade. Um esforço psíquico que deve ser respeitado e facilitado pelo contexto da criança. Esta barreira defensiva mostra, externamente, uma criança contida, estudiosa, esportiva, competitiva e fantasiosa. Os pais já começam a ser, eventualmente, substituídos no investimento libidinal. A pergunta que surgiu, diante desta estruturação da latência, constituiu-se em procurar saber através de um questionário simples, se haviam diferenças fundamentais entre crianças com mais ou menos poder econômico. Pelas respostas dos questionários verificou-se que o respeito ao momento da latência e o favorecimento aos jogos fantasiosos e idealizados, eram mais importantes do que o poder aquisitivo.

Abstract: This article was born, unpretentiously, from the discussions, concerns and questions before the process involving the time of latency. This transition between childhood and adolescence saves characteristics of defenses in the face of sexuality. A mental effort that must be respected and facilitated by the context of the child. This defensive barrier shows, outside, a child contained, studious, athletic, competitive and fanciful. Parents are already starting to be, occasionally, replaced in the libidinal investment. The question that arose, before the onset of this structure, was formed to seek knowledge through a simple questionnaire, whether there were fundamental differences between children with more or less economic power. By the answers of the questionnaires it was found that the respect to the latency time and encouragement to fanciful games and idealized were more important than the purchasing power.

Palavras-chave: Latência. Estrutura de Latência. Regressão. Édipo. Mecanismos Obsessivos. Imaginação. Sexualidade.

Key words: Latency. Latency structure. Regression. Oedipus. Obsessive Mechanisms. Imagination. Sexuality.

¹ Tema livre apresentado na VIII Jornada Bianual do Contemporâneo: “A Fragilidade do Símbolo: aspectos sociais, subjetivos e clínicos”. Porto Alegre, agosto de 2008.

² Psicóloga, Professora e Supervisora do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Colaboradoras: Camila Luz, Daniela D’Incao, Gabriela Petri, Geovana Teixeira, Karina Rockemwaldt, Paula Bartolomay, Roberta Bortoluz, Luciane Deretti – Psicólogas, alunas em formação do Curso de Especialização do CIPT. Endereço para correspondência: maliceinter@yahoo.com.br

Freud (1905) disse, referindo-se aos seus pacientes integrados e saudáveis, em análise, que existiam lacunas de lembranças, caracterizadas, referidas ao tempo compreendido entre o final dos cinco anos até o início do décimo segundo ano de vida. Este representaria uma ‘dormência sexual’ que permitiria o aparecimento de uma criança agradável, que teria vivido uma infância respeitada e se encaminharia para uma adolescência sem maiores riscos e não caótica.

Em nossos estudos procurávamos saber o que acontecia, no mundo interno, quando emergia uma criança afável, ativa, solícita, sapeca, interessada pela escola e que passava a orgulhar seus cuidadores, mostrando inteligência, criatividade, parceria nos programas propostos pelos pais, sociabilidade e, nítida, ampliação do contexto hexogônico.

Estávamos convencidos, de que o exercício afetivo, no início da vida, com declarações de amor explícitas, de dependência intensa das figuras parentais, de tentativas de beijos e afagos apaixonados dirigidos, especialmente ao progenitor do sexo oposto, era devido à intensidade de energia libidinal edípica do pré-latente. Sabíamos que, para a latência cumprir sua tarefa psicológica, a sexualidade (que não havia desaparecido) precisava fazer um retorno à fase anal sádica, com suas cores obsessivas, socorrendo a criança e permitindo assim, defendida, que sobrasse, economicamente, força egóica para estudar, fazer esportes, colecionar, desenhar, ser fiel aos amigos usando defesas que, contendo o impulso, permitissem a socialização, com os riscos afetivos que ela contém.

Estes investimentos, de acordo com o poder social, ora se chamavam colégio, ora time de futebol, ora festa de aniversário, ora arte (teatros, desenhos, filmes...). Nos questionávamos e relembávamos, em um exercício biográfico, que este teria sido o caminho que restabelecia a ordem da cultura, com a desistência do amor exclusivo da primeira infância, dando sinal de que se instalara a entidade superegógica, fornecendo o sossego ético para a inserção social, em um desenvolvimento normal.

A consciência de que a sexualidade estava latente e assim deveria permanecer, já que não existiria condição físico-hormonal para uma descarga sexual eficiente, a latência providenciaria defesas que facilitariam o percurso da infância para a adolescência, com relativa proteção e tranquilidade.

Será que as crianças pouco favorecidas, economicamente, teriam condições de fazer esta passagem com o mesmo sucesso das mais ricas? Esta era umas das nossas perguntas recorrentes.

Os desenhos repletos de detalhes simbólicos, as histórias romântico-aventureiras, os finais novelescos que premiavam o bem e a justiça, as complicadas regras impostas aos jogos, nos iam dando certeza da estruturação de uma latência normal. Muitas vezes as histórias fantásticas, eram vistas como ‘mentiras’ e ‘loucuras’, quando representavam os fundamentais deslocamentos

sublimatórios da sexualidade transformada.

Sabendo da importância deste exercício subjetivo, questionávamos como os ambientes deveriam facilitar o afrouxamento dos laços edípicos e preservar as crianças de participar de cenas e enredos afetivo-sexuais, para os quais não se encontravam preparadas? Esta, talvez, fosse à equação fundamental e de fino ajuste.

As inquietudes que surgiam, em aula, tomavam forma e se justificavam nos atendimentos do ambulatório de Psicologia da Instituição. A maioria das crianças que buscam atendimento estão entre seis e doze anos. Todas deveriam estar podendo aproveitar esta trégua da pulsão 'in natura'. Esta demanda nos fazia pensar numa subversão deste direito de ser respeitado até que fosse possível tornar-se autônomo e/ou autosuficiente e então, seguir adiante...

Será que a condição econômica alterava a estrutura de latência defendida por Sarnoff (1995)? Será que a quantidade de brinquedos, jogos etc... alteraria a capacidade de sair deste momento mais simbolicamente estruturado?

Destas dúvidas surgiu a idéia de um questionário, elaborado em aula, para ser aplicado em crianças, não em tratamento, pertencentes a classes sociais diferentes.

As perguntas tentavam contemplar o grau de 'desligamento edípico', a capacidade cognitiva de criar sublimações simbólicas e fantasiosas e a instalação superegóica capaz de conter o impulso sexual.

Os questionários foram aplicados em crianças de classe alta, média e baixa, em seu ambiente. Tomou-se o cuidado de questionar crianças que estavam indo bem no colégio (de acordo com elas mesmas). Além do mais, se procurou latentes com relativa alteridade, defesas funcionando, símbolos, socialização (criança que brinca e têm amigos). (Questionário em anexo).

Encerrando como iniciamos, Freud, em 1905, nos seus *Três ensaios da sexualidade*, diz que muitas das construções, para a cultura e normalidade, passam por uma latência onde a energia sexual, em sua totalidade ou em parte, é deslocada para outros fins.

O grande sucesso de uma latência, guardadas as características sócio-culturais vigentes, seria viver simbólica e/ou fantasiosamente, aquilo que, por limitações infantis, não pode nem deve ser vivido na realidade...

Os questionários nos mostram, dentro de sua proposta limitada, que crianças (que não estão em tratamento) pobres, ricas ou remediadas respondem, neste período da vida, muito semelhantemente a esta transição evolutiva.

As crianças simbolizam, criam, têm alternativas e dependem muito mais da saúde dos adultos que as cuidam do que das condições econômicas em que vivem. Se lhes for fornecido um ambiente respeitador de sua 'trégua sexual' a criança seguirá seu caminho e seu desejo porque,

psicanaliticamente, acredita-se em compromissos inconscientes, mas nunca em destino traçado.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1969. P. 119-217.

SARNOFF, C. A. **Estratégias terapêuticas nos anos de latência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.